

Jaime Breilh: “No coração da pandemia está o sistema agroalimentar”

Via [Insisto y Resisto](#)

Jaime Breilh* é uma referência latino-americana em epidemiologia crítica e no campo da saúde coletiva. Professor e pesquisador, ele questiona as formas hegemônicas de praticar a medicina e a ciência. Ele denuncia “a ditadura do trabalho científico” e as décadas de domesticação do pensamento acadêmico. Longe dos antivacinas, ele aponta os riscos das novas tecnologias utilizadas contra o coronavírus e apela para “romper com a ideia de que a vacina é a única salvação”. Ele propõe visar as causas da Covid-19 e assegura que, para a pós-pandemia, é urgente frear o extrativismo.

O nome Jaime Breilh* é sinônimo de epidemiologia crítica na América Latina. Uma referência no campo da saúde coletiva, este professor e pesquisador equatoriano é um incansável pedagogo de reflexão aguda sobre a prática científica e um crítico da prática médica hegemônica. Embora ele tenha inúmeras credenciais acadêmicas e a recente publicação de seu livro *Epidemiologia e A Saúde do Povo* pela Oxford University Press, Breilh não está enraizado na suposta superioridade da voz científica, ele apela para “deixar a ditadura do jornal” e reconhecer outras formas não hegemônicas de pensar a saúde. Nesta linha, ele chama a atenção para as estruturas profundas do capitalismo a fim de abordar de forma realista o atual mundo pandêmico. “Não colocar vacinas como uma panacéia”, denunciar as “infodemias do campo médico hegemônico” e dismantelar “décadas de domesticação das academias médicas” são alguns dos pontos-chave que ele faz. Sua voz é uma tentativa de romper com o campo de discussão cada vez mais estreito entre os negacionistas, por um lado, e a monocultura

da farmo-indústria, uma grande parte dos governos e dos meios de comunicação de massa, por outro.

Uma visão estreita, uma abordagem reducionista

-Como você analisa a abordagem hegemônica da pandemia?

-Vejo que pensar sobre a pandemia a partir da lógica da causalidade nos aprisionou. Se eu abordar este problema de forma reducionista, a pandemia será um vírus, vacinas, medicamentos, prevenção e etiológica individual, contágio. E isso é apenas a ponta do iceberg, apenas uma parte dos efeitos observáveis de um processo muito mais complexo. O primeiro grande elo que temos que estabelecer é entre a pandemia e o sistema agroalimentar do capitalismo em sua versão 4.0, em termos de seus impactos ecológicos, sanitários e sociais. No coração da pandemia está o sistema agroalimentar do capitalismo. E assim deve ser dito que não existe uma simples agricultura, um simples sistema agroalimentar, mas sim uma profunda disputa sobre estas categorias de significado, implicações e práticas que devemos discutir e trazer urgentemente para o diálogo com a saúde.

-Você aponta para um tipo de forma de produção agrícola e de alimentos.

-Primeiro temos que começar por distinguir entre modelos agrários. Existem dois grandes paradigmas de produção, político e social em torno da agricultura. Por um lado, a agricultura da vida e, por outro, a agricultura das corporações, a agricultura dos negócios. E eles não são compatíveis, são antagônicos. Porque existe uma agricultura que é projetada para defender, proteger e alimentar o sujeito social vivo. E há outra que se baseia na ganância e procura transformar tudo em uma mercadoria, desde o ser humano e a força de trabalho, até o genoma, a terra, a água. Tudo é parte

de uma estrutura de acumulação de capital. É o sistema agroalimentar da morte, porque tem consequências profundas na vida humana e não humana, e vemos isso com os surtos virais que vêm ocorrendo nos últimos anos, e com a vulnerabilidade na saúde das populações. Não podemos mais ignorar isto.

Olhando para o todo, entendendo a sindemia global

-No campo crítico da saúde, fala-se que estamos passando por uma sindemia (sinergia de vários problemas de saúde com alcance epidêmico). Como você define este conceito?

-É verdade que estamos em uma sindemia muito antes da disseminação do Sars-CoV-2 (Covid-19). Em outras palavras, estamos lidando com uma confluência de vários processos correlativos e sinérgicos que se reforçam mutuamente, e o efeito é mais do que a mera soma desses processos. Minha visão da epidemiologia crítica é que o problema não é apenas doenças virais e não-virais, doenças crônicas, saúde mental. Isso é uma parte da saúde, muito importante, é claro, mas é muito mais do que isso. Os processos sindicais vão além disso e temos que pensar sobre a estrutura. Ali encontramos uma confluência de processos políticos, econômicos, sociais, ecológicos e culturais.

No centro disto está o capitalismo, cuja capacidade de concentração e destruição é sem precedentes, com um crescimento galopante da desigualdade social em níveis explosivos. Esta estrutura destrói o bem comum e produz uma exclusão em grande escala de tudo o que é necessário para uma boa vida humana e não-humana.

-Que outros processos compõem esta sindemia?

-Outro ponto central é o acúmulo sistemático de condições de “pandemicidade”. Trata-se de uma estrutura globalizada de um

sistema cada vez mais acelerado para transformar as bases mínimas de desenvolvimento dos ecossistemas. É esta estrutura que tem causado as pandemias dos últimos anos e as que estão por vir. É impossível continuar pensando nos vírus como um sistema biológico com sua lógica, seus processos de adaptação e os ritmos que historicamente teve. Se hoje temos uma agroindústria que está gerando condições de massividade animal com uniformidade genética, que é a base para a combinação e mutação viral; um sistema de vacinação descoordenado e sem controle que irá catapultar a diversificação de cepas virais; e um sistema social onde a cidade neoliberal e o campo neoliberal são propícios à concentração de uma alta carga viral e uma alta carga de populações vulneráveis, não podemos pensar em vírus como algo que flui naturalmente. Esta é a coisa estrutural que precisa ser entendida.

-Isto é, a dimensão política na própria propagação do vírus deve ser explicitada.

-Não se trata de um vírus agindo de acordo com a lógica de um manual, pois falar sobre isso seria se envolver no neodarwinismo dos mais perversos. Pensar que o vírus está caminhando por sua própria dinâmica, a partir de sua própria estrutura genética, e que está procurando se mutar como em um ensaio experimental, é falso. O vírus é impulsionado por um sistema de recomposição da relação entre o ser humano e a natureza tão brutal que a mesa é posta para sua reprodução.

-Que papel desempenha a crise climática acelerada nesta sindemia?

-Com estas transformações drásticas, um quarto e ponto central desta sindemia é a mudança climática. Parece que, como estamos vendo com as inundações, incêndios, perda de geleiras, acidificação do mar e os ciclones dos últimos tempos, estamos enfrentando sinais muito sérios de uma desordem ambiental abrangente que está dando seus últimos avisos ao entrar no ponto de não retorno. E esta dimensão não só não pode ser

deixada de fora quando se pensa na saúde de uma perspectiva crítica e integral, mas também deve fazer parte da abordagem da pandemia.

Informação democrática é saúde

-Você criticou as informações hegemônicas sobre a abordagem da saúde. O que há a dizer sobre isso?

-Aqui temos o quinto ponto desta sindemia, que é a desinformação que existe sobre uma questão como esta pandemia e que diz respeito a toda a população global. E aqui tenho uma visão crítica dos discursos que têm dominado a abordagem da saúde. Na época, a OMS (Organização Mundial da Saúde) falou de infodemias em termos de notícias falsas e desinformação sobre a pandemia nas redes sociais. Isso é bom, mas no final, isso é ridículo em comparação com a pandemia de informações manipuladas exercida pelo verdadeiro poder corporativo em torno do vírus. Os sistemas de saúde do mundo estão estruturados em torno de um sistema mega infodêmico. A ciência do poder trabalha em tudo isso com sofisticação de dados em torno do pico do iceberg que mencionamos anteriormente. Ou seja, eles falam dos efeitos do vírus, dos contatos, apresentam sistemas de multiplicação, taxas diferenciais de letalidade. O máximo que eles conseguem é dizer que nos Estados Unidos a letalidade de negros e latinos é maior do que a dos brancos.

Há uma desinformação dramática onde as informações não estão atualizadas nem cobrem o que é necessário para uma abordagem abrangente. Os aspectos estruturais de que temos falado como parte da abordagem da saúde estão totalmente ausentes. Esta informação que domina o discurso em torno da pandemia não é democrática, e é totalmente manipulada em favor dos grandes interesses comerciais da indústria farmacêutica.

-O que você pode dizer sobre o status de “verdade única” que a ciência médica hegemônica adquiriu no contexto da pandemia?

-Para entender isto, devemos primeiro perceber que temos arrastado décadas de domesticação do pensamento acadêmico na saúde. Uma domesticação baseada na ciência positivista, cartesiana, olhando a realidade de forma fragmentada. A idéia de sofisticação na ciência é ser capaz de lidar com bits de realidade que são chamados variáveis, e com isso fazer sistemas formais complexos, e com isso prever uma probabilidade ou descrever um comportamento empírico. Mas ali, naquele pico do iceberg que podemos conhecer em detalhes, não é a essência do que está acontecendo conosco. Há um controle profundo sobre o funcionamento dos centros de pesquisa hegemônicos, que muito lentamente está começando a rachar. Outro dia, na legislatura do Texas, um dos grandes cardiologistas daquele centro hegemônico da ciência disse: “estamos ficando loucos”. Ele perguntou: “Como podemos investir milhões e milhões apenas em uma ferramenta como uma vacina que nem sequer está totalmente comprovada como eficaz, e deixar todas as outras questões básicas por resolver?”

-Existe espaço para vozes dissidentes a esta visão médico-hegemônica?

No mundo andino e em outros países, muitas práticas médicas que rompem com o modelo hegemônico e revisado por pares têm sido perseguidas. O que está fora da estrutura hegemônica, como as práticas sociais dos médicos que trabalham com as comunidades e o conhecimento das próprias comunidades, é demonizado. Estamos vivendo a ditadura do trabalho científico. O que conta para qualificar sua voz como válida é quantos documentos você escreveu em periódicos de alto impacto. Não se nega que existem coisas muito valiosas nestas revistas, e muitos de nós fazemos um esforço para escrever papéis. Mas quando caímos nesse nível, devemos saber que os periódicos de alto impacto não são neutros. E no final, o que lê o estudante de medicina, o médico residente ou o pessoal de saúde? O que está na revista científica de alto impacto. Mas o conhecimento não se resume a isso, longe disso. A pandemia trouxe isso à

tona. Temos uma infinidade de campos para estudar a partir de áreas cegas da ciência que são fundamentais para a prevenção profunda, real e consistente de pandemias. E isto não é levado em conta porque não se encaixa na lógica hegemônica.

-Como você disse, esta abordagem não pode ser separada do comando capitalista.

-Você tem que entender que a ciência médica é controlada por uma lógica comercial, muitas vezes disfarçada de neutralidade científica. Esse tipo de irracionalidade reina neste mundo. O mesmo acontece com as vacinas, que foram desenvolvidas em grande parte numa proporção de 9 para 1, 7 para 3 ou 6 para 4 entre fundos públicos e privados. Mas não temos fonte aberta para saber como são feitas, e em todo caso para ver como são feitas em outro lugar de forma pública. Isto é uma loucura. Além disso, este mesmo sistema de saúde está estruturado em grande parte do mundo para causar uma alta taxa de mortalidade entre os trabalhadores de saúde da linha de frente, e a pandemia também tem mostrado ser este o caso. Portanto, não podemos deixar de apontar, rever e mudar estes aspectos que denotam uma forma de entender a saúde como um negócio em vez de uma forma de cuidar da vida.

Além dos negacionistas e “dogmas científicos”, outras vozes

-Um ponto crítico neste encerramento do debate científico é a vacinação. Que visão você pode trazer a esta questão quando o debate for simplificado para vacinas ou anti-vacinas diante de um assunto tão delicado como o cuidado com a trama da vida?

-Em primeiro lugar, a panaceia da vacina como o grande caminho, a única salvação, deve ser quebrada, mesmo porque a tão falada imunidade do rebanho é uma entelêquia. O que é a clássica imunidade do rebanho? Se eu tenho uma epidemia de sarampo, tenho uma certa cobertura vacinal, um número

controlado de contatos. Isso gera uma parada ou diminuição até que o sistema de contágio desapareça. Hoje há várias discussões sobre esta possibilidade em torno deste vírus específico. Estudos já estão levantando preocupações de que o pessoal da linha de frente nos hospitais tenha sido infectado por vacinados. Há evidências acumuladas sobre isto, pelo menos dos vacinados da Pzifer nos Estados Unidos. Os próprios vacinados estão sendo uma fonte de contágio. O sistema clássico de vacinar a população e é isso, não está claro que é isso que funciona agora.

-Tambem falamos genericamente sobre vacinas quando de fato existem tecnologias clássicas, outras novas baseadas em modificação genética e RNA-mensageiro. O que você pode nos dizer sobre isso?

-Devem ficar claro que uma vacina, propriamente dita, é um vírus inativado ou um vírus atenuado, e ponto. No caso das vacinas clássicas, nada aconteceu com sua genética, não há introdução de um código anormal e artificial de produção de proteínas em seu corpo, nem estamos introduzindo ou inoculando as instruções. Temos que investigar o que vai acontecer dentro de dez, quinze, vinte anos com estas tecnologias, que eu não chamo de vacinas, mas de medicamentos que geram imunidade baseada em um mecanismo de indução genética do RNA-M. Não sabemos isso hoje. E quem diz que o faz, não está dando um fato científico.

Este tipo de aviso, que é próprio do princípio de precaução científica, é cancelado como "anti-vacina".

-Qualquer pesquisa ou aviso sobre isto é questionado pelos centros que controlam estas decisões. Eles estão tendo que aproveitar a aceleração da venda de vacinas e nada pode questioná-la. Tudo isso não está sendo debatido, porque a mídia nos tem deixado atentos aos últimos desenvolvimentos desta ou daquela vacina. Quando paramos e pensamos que não estamos sendo capazes de debater isto, realmente parece que o

mundo enlouqueceu, enquanto os cavaleiros do apocalipse da ganância são libertados. Essa é a lógica do mundo em pandemia, e é isso que as academias deveriam estar questionando.

-E o que está acontecendo como uma prática hegemônica no meio acadêmico hoje?

-Mais dentro das universidades não estão nem mesmo cientes desses antecedentes, das zonas de incerteza sobre algumas tecnologias, nem questionam tudo isso. Eles estão apenas desesperados para conseguir uma vacina. E não se questiona que no meio do medo pessoal de sofrer um caso grave, mas ao mesmo tempo não se deve parar de discutir todas essas estruturas de poder que afetam o campo científico. A partir das ciências da saúde, temos que ver que áreas de incerteza existem em torno da transgênese que podem ser perigosas no futuro. Portanto, temos que ser cautelosos com as informações. Por exemplo, temos que pensar cuidadosamente sobre o que fazer com os jovens e crianças que não tiveram casos graves. Em qualquer caso, devemos fazer algo sequenciado, altamente monitorado, em grupos de observação, a fim de poder tomar decisões precisas e muito específicas.

Agro-ecologia para o período pós-pandêmico

-De que políticas urgentes precisamos neste momento?

-É preciso haver uma proposta abrangente para sair da pandemia, onde eu vejo a agroecologia como uma ferramenta muito importante. A luta pela agroecologia e pelos sistemas alimentares da vida, que substituem o extrativismo agroindustrial, é uma saída. Temos que construir políticas para promover a produção ecológica, o emprego rural de qualidade, para dar bônus àqueles que cuidam do meio ambiente, que não usam agroquímicos, que não destroem ecossistemas, que protegem a água. Estas são políticas anti-pandêmicas.

-A agricultura orgânica como um eixo chave.

-Falanço a promoção dos quatro S de vida: Sustentabilidade, Soberania, Solidariedade e (bio)Segurança integral. Para sair dos ciclos pandêmicos temos que criar sociedades sustentáveis onde a agricultura sem dúvida desempenha um papel fundamental devido a suas implicações no uso da água, no uso da terra, na biodiversidade e nas relações sociais. Este processo deve ser soberano, não pode continuar a depender da lógica que nos é imposta pelas grandes corporações. Para isso, devemos cultivar a solidariedade em todos os níveis como um aspecto político fundamental a fim de deixar para trás esta sociedade patriarcal, racista e classista. E finalmente, a segurança final que não podemos omitir como projeto é a da vida, e isso depende de políticas muito concretas. Para a pós-pandemia, precisamos urgentemente de uma parada no extrativismo, uma proibição do uso massivo de agrotóxicos, uma proibição dos transgênicos e uma proibição da produção massiva de animais e sua alta carga viral. Estes são exemplos concretos de políticas que dão segurança à vida, e um verdadeiro caminho de organização anti-pandêmico.